

A FILOSOFIA CANTADA: ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA MÚSICA POPULAR NORDESTINA

Gabriel Kafure da Rocha*

Nelcino Henrique Nascimento de Aquino**

Resumo: O presente artigo parte da leitura da obra *Iniciação à Estética*, de Ariano Suassuna, com o objetivo de analisar como a produção de canções estudantis pode auxiliar na criação de conceitos filosóficos, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e autônomo. A proposta parte da premissa de que a música, como manifestação cultural e artística, pode ser utilizada como uma ferramenta potente para o ensino de filosofia, estimulando a reflexão e a criação filosófica a partir da experiência estética. Destaca-se que, enquanto recurso didático, esta intervenção restringe-se ao tipo de música que se vale da poesia. Portanto, como resultado desta reflexão trazemos alguns princípios de ensino de filosofia que valorizam a estética e a cultura pernambucana.

Palavras-chave: inteligências múltiplas; paródias; Suassuna.

SONG PHILOSOPHY: TEACHING PHILOSOPHY BASED ON POPULAR MUSIC FROM THE NORTHEAST

Abstract: This article is based on the reading of the work *Iniciação à Estética*, by Ariano Suassuna, with the objective of analyzing how the production of student songs can help in the creation of philosophical concepts, promoting the development of critical, creative and autonomous thinking. The proposal is based on the premise that music, as a cultural and artistic manifestation, can be used as a powerful tool for teaching philosophy, stimulating reflection and philosophical creation based on aesthetic experience. It is worth noting that, as a didactic resource, this intervention is restricted to the type of music that uses poetry. Therefore, as a result of this reflection, we present some principles of teaching philosophy that value aesthetics and the culture of Pernambuco.

Keywords: multiple intelligences; parodies; Suassuna.

* Doutor em Filosofia pela UFRN. Docente permanente do PPGFIL UECE e do PROF-FILO IFSertãoPE. Bolsista Produtividade FACEPE 2024-2026. E-mail: Gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br

** Mestrando em Filosofia pelo PROF-FILO IFSertãoPE. E-mail: outrashistoriasoutras@gmail.com

INTRODUÇÃO

O cantador diz: “Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar” e o coro responde: “Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar [...]”. No pátio de uma escola pública, uma roda de estudantes, um professor e um pandeiro na mão. Assim começa outra aula de filosofia. Nela, por meio de uma canção de Siba (2007) e a Fuloresta, os alunos são convidados a pensar sobre a importância da filosofia em um mundo que parece estar fora de controle.

A prática pedagógica brevemente descrita acima orienta-se a partir dos quatro passos didáticos defendidos na obra *Metodologia do Ensino de Filosofia*: sensibilização, problematização, investigação e criação de conceitos. Nela, Silvio Gallo (2012) defende que a filosofia não deve ser ensinada como uma transmissão de informação e conteúdo. Em vez disso, propõe que o ensino da disciplina incentive os alunos a desenvolverem o pensamento crítico e autônomo.

Com base em situações didáticas previamente vivenciadas durante dois anos de docência de Filosofia em turmas do Ensino Médio, este trabalho de pesquisa parte da premissa de que o uso de canções pode auxiliar na sensibilização dos estudantes e estimulá-los à problematização e à investigação filosófica. Porém, também se constata que a criação de conceitos é o passo mais difícil a ser realizado no âmbito escolar. Frente a isso, considera-se oportuno analisar como a produção de canções estudantis pode ajudar na criação de conceitos filosóficos.

Para isso, apresenta-se uma proposta de ação educativo-filosófica que leva a cultura popular pernambucana para dentro da sala de aula, a fim de criar uma arte participante, ou seja, uma obra estética com “um objetivo para além da Beleza, uma função educativa, politizante ou não, mas sempre colocada a serviço de uma ideia” (Suassuna, 2013, p. 263). Com tal intuito, os estudantes devem apropriar-se de uma linguagem poética para produzir canções marcadas por uma escrita filosófica capaz de refletir “sobre o mundo, sobre o destino do homem em geral e sobre o seu em particular” (Suassuna, 2013, p.350).

Nesta intervenção, por conseguinte, deve-se compreender a música popular como arte predominantemente dionisíaca. Segundo Nietzsche (1988), o Dionisíaco representa o caos, a embriaguez criativa, as emoções e os instintos, afirmando a realidade e suas contingências e contradições. Em contraste, o Apolíneo é associado à pureza, à contemplação, à harmonia, à beleza e ao equilíbrio das formas, especialmente por meio da racionalidade. Assim, providos pela potência estética desses dois impulsos dicotômicos, antagônicos e interdependentes, os

estudantes deverão transitar pelos quatro passos didáticos do Ensino de Filosofia, com o objetivo de compor canções filosóficas que reflitam sobre o pensamento dessa disciplina e seus conceitos.

A relevância deste trabalho de pesquisa para o Ensino de Filosofia é especialmente importante em um contexto educacional que busca metodologias alternativas às pedagogias tradicionais. A proposta de estimular a criação de conceitos filosóficos em sala de aula, por meio da composição de canções estudantis, pretende promover uma aprendizagem ativa e significativa para os estudantes. Visa-se, assim, contribuir para a formação de sujeitos críticos, autônomos e criativos.

Frente a isso, este trabalho se baseia nos quatro passos didáticos para o ensino de filosofia: sensibilização, problematização, investigação e criação de conceitos (Gallo, 2012). Vale destacar que é no último passo que se apresenta um desafio maior, visto que se exige dos estudantes uma considerável capacidade de abstração para criar ou recriar conceitos filosóficos.

DA ARTE À FILOSOFIA

Desse modo, este trabalho analisa como a arte pode auxiliar nesta empreitada filosófica. Em especial, inova-se ao buscar utilizar canções que não sejam utilizadas apenas como instrumento de sensibilização, mas, mormente, como produção cultural genuína, uma *Bildung* capaz de estimular o pensamento profundo e a conceituação filosófica no âmbito escolar.

Assim, ao compor canções, os estudantes serão incentivados a expressar seus pensamentos, sentimentos e visões de mundo de maneira problematizadora e criativa por toda a história da filosofia. Essa linguagem poética pode revelar intuições filosóficas que, de outra forma, poderiam não emergir em discussões mais tradicionais. Além disso, a música geralmente trata de temas pessoais que, quando explorados em um contexto filosófico, podem ser abstraídos e universalizados sem perder suas regionalidades, levando à criação de conceitos que refletem tanto a experiência individual quanto questões universais.

Para tanto, um ponto central neste trabalho é trazer para o espaço escolar o debate sobre arte gratuita e a arte participante. Na perspectiva de Ariano Suassuna, esse problema trata de indagar

Se a Arte tem como único fim a criação da Beleza pura, ou se, pelo contrário, a Arte só é legítima quando se engaja, quando se alista, quando se põe a

serviço de uma ideia, de uma causa, quando desempenha uma função social educativa, tornando ideias abstratas acessíveis à massa (2013, p.261).

Neste cenário, a produção de canções filosóficas em sala de aula caracteriza-se como um acontecimento poético construído por meio de uma arte participante. Ademais, destaca-se que nesta intervenção se propõe adentrar no universo da cultura popular, marcado por uma música dionisiaca de “contrastes violentos que chegam à dissonância; dramática, vibrante, mais harmônica do que contrapontística, violenta, ‘impura’ pela presença quase ‘literária’ de sentimentos e expressões estranhas ao campo da Música” (Suassuna, 2013, p. 333).

Em suma, uma música que sintetiza o arcaico e o moderno, o sagrado e o profano, o que faz da proposta deste trabalho inovadora para a prática docente principalmente por sugerir uma metodologia ativa e colaborativa. Com o auxílio de composições estéticas produzidas pelos próprios estudantes, estimula-se a reflexão e a conceituação nas aulas de Filosofia. Essa prática é capaz de promover, portanto, o engajamento por meio de criações artístico-filosóficas. Assim, atenta-se aos desafios do ensino desta disciplina na medida em que se oferece uma intervenção pedagógica que subverte um modelo educacional meramente enciclopédico.

Na obra *O que é filosofia?* Gilles Deleuze e Félix Guatari definem a filosofia como “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (1992, p.10). Para os autores, apenas a filosofia produz conceitos, sendo ela “conhecimento por puro conceito” (1992, p. 15). Este será, portanto, o estopim para iniciar uma reflexão sobre o ensino desta disciplina no Ensino Médio.

Com base no pensamento desses dois filósofos franceses, Silvio Gallo (2012) propôs uma “pedagogia do conceito”. O autor defende que:

Se esperarmos da filosofia uma espécie de ensino ativo, mobilizado para que o estudante seja capaz de pensar por si mesmo (isto é, um aprendizado ativo), para além das experiências em que sua atividade não é mais do que uma ‘reconhecimento’ [...] então é necessário que ele faça a experiência do conceito (1992, p.70).

Em convergência, as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Ciências Humanas e suas tecnologias) afirmam que a “Filosofia é teoria, visão crítica, trabalho do conceito, devendo ser preservada como tal e não como um somatório de ideias que o estudante deva decorar” (2006, p. 35). Desse modo, deve-se superar o ensino meramente enciclopédico, integrando uma proposta educativa que visa desenvolver a habilidade de utilizar os conhecimentos adquiridos para resolver problemas que surgem em diversas situações. (Brasil, 2006).

Ressalta-se que Friedrich Nietzsche, em sua época, já apontava críticas enfáticas ao ensino enciclopédico da história da filosofia. Vale, portanto, recordá-lo:

De fato, todos concordam em dizer que não se é preparado para a filosofia, mas somente para uma prova de filosofia, cujo resultado, já se sabe, é normalmente que aquele que sai desta prova – eis que é mesmo uma provação – confessa para si com um profundo suspiro de alívio: “Graças a Deus, não sou filósofo, mas um cristão e cidadão do meu país!” (2003, p. 213).

A crítica de Nietzsche permanece válida nos dias de hoje, visto que a partir da observação dos elementos preponderantes “é possível dizer que a metodologia mais empregada no ensino de Filosofia destoa da concepção de ensino de Filosofia que se pretende” (Brasil, 2006, p.36).

Nesse contexto, José Moran (2018) destaca que as metodologias ativas representam uma excelente alternativa educacional capaz de contrapor o método tradicional. Ao encontro disso, Diesel, Baldez e Martins (2017) afirmam que elas têm como objetivo reposicionar os alunos como centro do ensino e da aprendizagem, contribuir com o desenvolvimento de sujeitos críticos e autônomos, estimular a reflexão e a problematização da realidade, fomentar o trabalho em equipe, fazer uso de recursos tecnológicos, encorajar o engajamento estudantil e aplicar o conhecimento na prática.

No tocante ao Ensino de Filosofia, partindo do pensamento de Deleuze e Guattari (1992), Gallo (2012) propõe que a aula seja uma “oficina de conceitos”. Definindo conceito como “uma forma racional de equacionar um problema ou problemas, exprimindo uma visão coerente do vivido” (Gallo, 2012, p. 55).

Defende-se, pois, que “professores e alunos, devem se utilizar de conceitos construídos ao longo da história da filosofia, e a partir deles, solucionar questões problemas, e por fim, se espera que o aluno possa redefinir ou criar conceitos” (Gallo, 2012 apud Bachmann, 2019, p.15). Com esse propósito, Gallo (2012) desenvolve uma metodologia baseada em quatro passos didáticos: sensibilização, problematização, investigação e criação de conceitos.

Em resumo, na sensibilização, recursos como filmes, canções, poesias ou outras ferramentas são usadas para despertar o interesse dos alunos, criando uma conexão inicial com temas filosóficos. Em seguida, na problematização, transforma-se esse interesse em um problema que provoca questionamento e reflexão. Já a investigação envolve a busca de conceitos filosóficos que ajudam a explorar o problema, sem oferecer respostas prontas, mas como ferramentas de reflexão. Por fim, na conceituação, recriam-se ou criam-se novos

conceitos que abordam o problema de forma contextualizada, levando ao desenvolvimento de soluções filosóficas (Gallo, 2012; Bachmann, 2019).

Fundamentado nos quatro passos didáticos, Bachmann buscou “analisar se a paródia é uma estratégia eficaz de sensibilização no ensino de filosofia” (2019, p.83), concentrando-se, pois, apenas em paródias musicais. O autor concluiu que sua “estratégia de sensibilização se deu de modo muito satisfatório” (2019, p.82). Porém, apontou também que:

os três primeiros passos foram atingidos pela aplicação da paródia, porém quanto à criação de conceitos, não se deu em nenhuma delas, os alunos foram capazes de estabelecer conexões, analogias, desconstruções, mas não criar conceito único ou novo (2019, p.82).

O trabalho de Bachmann (2019) deixou inúmeras possibilidades abertas, na medida em que a reflexão acerca do ensino de filosofia desvelou uma dificuldade inerente de criar conceitos. Tal fato pode decorrer de uma combinação de currículos inadequados, métodos pedagógicos que não incentivam a criatividade, imposição de problemas irrelevantes para os alunos, uma cultura acelerada que dificulta o pensamento reflexivo e profundo, bem como a falta de sincronicidade entre os interesses teóricos-conceituais dos professores em relação a realidade cotidiana dos alunos.

Ora, em seu livro *Metodologia do Ensino de Filosofia*, Gallo menciona a possibilidade de “criar conceitos (atividade filosófica) sobre um plano de composição estético, isto é, no terreno da arte” (2012, p.17). Encorajada por isso, a presente pesquisa gira em torno da capacidade de analisar como a produção de canções estudantis pode auxiliar na criação de conceitos filosóficos no espaço escolar. Assim, na busca pela conceituação, a música passa a ser experimentada como instrumento capaz de potencializar o pensamento crítico, criativo, autônomo e reflexivo, bem como uma escuta ativa necessária para o exercício da cidadania.

Em suma, através de composições estéticas, caracterizadas comumente pela busca da beleza, experimentou-se a elaboração do pensamento filosófico em sala de aula. Essa relação entre cultura popular e filosofia trouxe necessariamente um debate em torno da gratuidade da arte. No que diz respeito à arte gratuita (preocupada apenas com a criação de beleza), ou à arte participante (atrelada a uma ideia), deve se considerar que “à Filosofia que temos de recorrer quando discutimos se a Arte pode ser aristocrática, isto é, dirigida a uma elite espiritual, ou se qualquer Arte que não vise à educação do Povo (ou não esteja à altura de ser por ele entendida e aceita) é por natureza condenável” (Suassuna, 2013, p. 372).

Reitera-se que esta intervenção estético-filosófica propôs a feitura de uma arte participante, ou seja, engajada na construção do conhecimento escolar. Em consideração a isso, almejou-se que os estudantes elaborassem canções com um conteúdo filosófico implícito. Porém, considerou-se o risco de que, em vez disso, fossem produzidas obras gratuitas ou ensaios filosóficos sob forma de canção. No primeiro caso, as composições seriam preocupadas apenas com a beleza. No segundo, interessadas somente em reproduzir uma ideia filosófica.

Para evitar que isso aconteça, as canções devem apresentar um pensamento filosófico, todavia, essa abordagem singular deve se integrar naturalmente ao processo criativo, de modo que o conteúdo e a forma da obra estejam em sintonia. Para isso, Suassuna (2013, p.132) diz que “é preciso que essas tendências particulares surjam na obra e com a obra, e não justapostas artificialmente a ela: de outra forma, terminam prejudicando a Beleza, que é seu objetivo essencial”.

Assim, trazendo o universo da música popular nordestina, expresso tanto no sagrado quanto no profano, em formas apolíneas e manifestações dionisíacas, para o chão da escola, para dentro da sala de aula, deseja-se que, a partir do conflito criativo entre a racionalidade e as emoções, os estudantes construam canções filosóficas aliadas à beleza estética. Frente a isso, esta prática didático-filosófica buscou, portanto, contribuir com os desafios do Ensino de Filosofia, à medida que estimulou os alunos a criarem por meio da arte sentido para a própria existência.

INTERVENÇÕES FILOSÓFICAS

Cabe destacar que esta ação foi aplicada em turmas do 1º ano, da Escola de Referência em Ensino Médio Antônio Padilha (Petrolina-PE), logo no início do ano letivo. Conforme o Currículo do Estado de Pernambuco (2020), a prática articulou-se com o seguinte objeto do conhecimento: a origem e o contexto histórico da Filosofia.

Ademais, esta ação caracterizou-se como uma intervenção e todo processo foi marcado pela mediação e pela colaboração entre os agentes (em especial, docente e alunos) no contexto escolar. Em conformidade com o Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), esse “enfoque contextual tem a vantagem de conferir à prática docente a natureza de uma resultante de movimentos e agentes que, sedimentada como processo sobre o qual versará o relato a ser apresentado em forma de dissertação, ganhará o estatuto de intervenção” (Barra; Barreira, 2021,

p. 149). Assim, a prática originou-se do objetivo de realizar uma intervenção autoral “em favor da expansão e da melhoria do ensino de Filosofia” (PROF-FILO, 2019, p.14)

No primeiro momento, os jovens foram convidados a participar de uma roda de conversa. Nela, a música *Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar*, de Siba (2007) e a Fuloresta, foi utilizada como mote de sensibilização sobre a temática. Esta canção foi escolhida não apenas por trazer uma crítica a respeito da sensação de mudança constante em um mundo que parece estar fora de controle, mas também por seguir uma estrutura dionisíaca típica das tradições populares nordestinas, em que um cantador lança as frases, e o coro responde, criando um diálogo musical caótico e cheio de emoções que, conseqüentemente, cria uma experiência lúdica, imersiva e colaborativa em sala de aula.

Ademais, o verso “*Não vou gastar meu juízo tentando o mundo explicar*” é um excelente ponto de partida para contestar o eu lírico e problematizar a origem e o contexto histórico da Filosofia. Diante disso, foi possível levantar questões que aproximaram a origem grega da filosofia com a realidade dos estudantes: *A Filosofia serve para quê? Qual a importância do pensamento filosófico em um mundo caótico? Afinal, devo gastar meu juízo tentando o mundo explicar?*

Esta inquietação é a força motriz necessária para a investigação filosófica. A partir desse momento os alunos foram orientados a formarem grupos, com o objetivo de buscarem soluções para esses e/ou outros problemas a partir da história da filosofia e seus conceitos. Por fim, foram encarregados de recriar ou criar novos conceitos apresentando soluções para os problemas investigados. Ora, apresenta-se o núcleo deste trabalho: estimular os alunos a criarem/recriarem conceitos filosóficos através de canções populares.

Para isso, foi fundamental que os discentes formassem equipes priorizando a diversidade entre os integrantes a fim de agrupar “inteligências múltiplas” (Gardner, 2001). Nesta intervenção foi de grande importância, por exemplo, a inteligência linguística, relacionada ao uso da linguagem para construir ou adquirir informações; a inteligência interpessoal, que reporta-se à capacidade de ler as intenções dos outros indivíduos; a inteligência intrapessoal, que tem a ver com a compressão de sentimentos sobre si; a inteligência existencial, relacionada à habilidade de se questionar sobre a condição humana; e a inteligência musical, referente à competência de perceber e replicar ritmos, melodias e tipos diferenciados de sons (Gardner, 2001 *apud* Almeida *et al.*, 2009).

A intervenção propôs ainda a realização de oficinas de escrita criativa e produção musical. Nesses encontros em sala de aula foram priorizados gêneros ligados à cultura popular

pernambucana, tal qual o cordel, o repente, a ciranda, o coco, a embolada e a toada. Todavia, tomou-se o cuidado de contextualizar que esses recursos não foram desenvolvidos com finalidade pedagógica, e, por isso, precisaram ser recontextualizados para alcançar a intencionalidade da intervenção. Nestes espaços coube também refletir sobre os aspectos apolíneos e dionisíacos dessas manifestações da cultura popular.

Após concluídas, as canções passaram por uma avaliação por pares e pela análise do professor com o objetivo de identificar como as intuições e conceitos filosóficos foram expressos nos produtos culturais. Nesse cenário, organizou-se no ambiente escolar uma vivência que rompeu temporariamente com o modelo tradicional de avaliação, isso aconteceu por meio de rodas de rimas cantadas com base na batida do pandeiro, isto é, algo semelhante ao que acontece nos desafios de embolada comuns na cultura pernambucana. Destaca-se que tanto na fase de pesquisa quanto na produção cultural, os jovens fizeram o uso constante das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Por fim, planeja-se ainda futuramente, como desdobramento desta ação, realizar um festival da canção estudantil, em que os jovens possam apresentar suas produções estético-filosóficas para a comunidade escolar. Deseja-se também, como produto pedagógico, criar uma audioteca virtual para reunir as canções estudantis, junto com um guia metodológico teórico-prático para auxiliar educadores interessados em repetir ou adaptar esta intervenção em outras realidades escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como finalidade realizar um estudo qualitativo com o objetivo de analisar os impactos da produção de canções estudantis como ferramenta didática na construção de conceitos filosóficos, em turmas de 1º ano, na Escola de Referência em Ensino Médio Antônio Padilha, em Petrolina - Pernambuco. Na ocasião, todo o processo foi realizado de forma híbrida, com momentos de teoria e prática em sala de aula, somado a atividades complementares online.

No que diz respeito à aproximação entre a cultura popular e as aulas de filosofia, observou-se uma relação fértil e profunda, identificando essa mediação pedagógica como uma estratégia fomentadora de uma aprendizagem significativa. A prática rompeu a distância entre o ensino de filosofia e o exercício do filosofar, visto que a partir dela os alunos formularam

problemas e buscaram explicações para suas perguntas em uma perspectiva estético-filosófica. Vale destacar também que a ação não se limitou a um mero acontecimento isolado, após sua aplicação notou-se um maior engajamento estudantil atrelado à presença da cultura popular em outras atividades escolares.

É importante destacar que uma parcela dos estudantes não se identificou nem com a produção de canções, nem com o exercício do pensamento filosófico, o que não invalida esta prática. A intervenção demonstrou o poder do elemento dionisíaco da música popular nordestina como dinâmica capaz de envolver os alunos em uma escuta ativa, algo semelhante a um encantamento festivo, uma espécie de transe entre o sagrado e o profano. Assim, todos puderam observar a transfiguração da aula em espetáculo.

Ressalta-se que as produções musicais trouxeram características de paródias, o que não também não anula a prática. O objetivo não é formar artistas, mas sim experimentar a arte. No que cabe à análise filosófica das canções, houve uma expressiva recriação de conceitos relacionados à origem e ao contexto histórico da Filosofia, sobretudo acerca do “devir” de Heráclito, da “maiêutica” de Sócrates, e da “alegoria da caverna” de Platão. Vale afirmar que o objetivo da intervenção não é formar filósofos profissionais, senão experimentar o exercício do filosofar de uma maneira visceral. Além do mais, para o ensino de filosofia, tão importante quanto a possível criação de novos conceitos, foi identificar o desenvolvimento de problemas filosóficos significativos para os estudantes e o engajamento em recriar respostas apropriando-se da história da filosofia.

Assim, para reforçar a importância da cultura popular como instrumento de formação cidadã e filosófica, o artigo procurou discutir como manifestações culturais regionais, como a música e a poesia popular, contribuem para a construção de uma educação mais crítica, plural e conectada à realidade dos estudantes. Além disso, destaca a necessidade de práticas pedagógicas que promovam o protagonismo estudantil e o diálogo entre saberes acadêmicos e saberes populares.

Logo, é possível apontar que a integração entre arte, filosofia e cultura popular, como defendido por Silva et al. (2025), contribui para uma educação cidadã, crítica e transformadora, alinhada aos desafios do ensino contemporâneo. Além disso, é importante ressaltar que a experiência estética e a produção de canções filosóficas, inspiradas na cultura popular, não apenas potencializam o ensino de filosofia, mas também promovem a valorização das identidades regionais e o engajamento dos estudantes na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. et al. Inteligências múltiplas de Gardner: É possível pensar a inteligência sem um factor g?. **Psychologica**, n. 50, p. 41-55, 2009.

AQUINO, Nelcino Henrique Nascimento de. Resenha Crítica de O Mestre Ignorante de Jacques Rancière. **Re(senhas)**, v. 2, n. 1, p. e25005, 2025. DOI: 10.71263/dchz1028. Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/30>. Acesso em: 19 maio. 2025.

AQUINO, N. H. N. de. Iniciação à Filosofia da Arte a partir da adaptação de Morte e Vida Severina em HQ. **Polymatheia - Revista de Filosofia**, v. 18, n. 1, p. e25017, 2025. DOI: 10.52521/poly.v18i1.15491. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/15491>. Acesso em: 19 maio. 2025.

BACHMANN, C. F. **A paródia como estratégia de sensibilização no ensino de filosofia no ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade do Paraná. União da Vitória. 2019

BARRA, E. S. O. BARREIRA, M. M. A intervenção como prática constitutiva do prof-filo. In: Revista **KALAGATOS**, V.18, número 02, p. 140-156, 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª Edição de 2016. São Paulo: Edições, v. 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Orientações curriculares nacionais para o ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias**. v. 3. Brasília, DF: MEC, 2006.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DIESEL, A.; BALDEZ, A. L. S.; MARTINS, S. N. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. Revista Thema, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

ENGEL, G.I. **Pesquisa-ação**, Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR

GALLO, S. **Metodologia do Ensino de Filosofia**. Campinas: Papyrus, 2012.

GARDNER, H. **Inteligência: um conceito reformulado**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.62-75.

MORAN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, p. 02-25, 2018.

NIETZSCHE, F. **Escritos sobre educação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A visão dionisíaca do mundo e outros textos de juventude**. Tradução: Maria Cristina dos Santos de Souza e Marcos Sinésio Pereira Fernandes. [edição em pdf] 1988.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: ensino médio**. Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação. Recife: Secretaria, 2021.

PROF-FILO. **Regulamento Geral do PROF-FILO**, 2019. Disponível em <http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/trabalho-de-conclusao-e-certificacao/> Acesso em: 30/jun./2020

SIBA e a FULORESTA. **Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar**. [Álbum]. Recife: YB Music, 2007. 1 CD. Faixa

SILVA, Diego Alves da; ROCHA, Gabriel Kafure da; FERREIRA, Aurélio Secundo. A relevância da cultura popular e a educação cidadã na perspectiva filosófica. **Revista Ágora Filosófica**, Recife, PE, Brasil, v. 25, n. 1, p. 127–142, 2025. DOI: 10.25247/P1982-999X.2025.v25n1.p127-142. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/2522..> Acesso em: 19 maio. 2025.

SUASSUNA, A. **Iniciação à Estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

ULHÔA, Marco Túlio. “A estética armorial em A Pedra do Reino, de Luiz Fernando Carvalho”. *Rumores*, Revista da USP, 2023. DOI:10.11606/issn.1982-677X.rum.2024.227230. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/download/227230/210665/735285>